



UM OLHAR SOBRE A GLOBALIZAÇÃO POR MEIO DA PRESENÇA DE MULTINACIONAIS NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE

João V. M. PEREIRA¹; Pedro H. E. Da SILVA² Felipe F. INGUAGGIATO³

RESUMO

A partir da crise de superprodução do capitalismo, a partir da década de 1980, a globalização, a grosso modo, a padronização de hábitos de consumo e a mundialização, basicamente, a promoção da internacionalização do capital, intensificados também pela hegemonia neoliberal, expandiram fortemente seus efeitos em todo o cenário global. Dessa forma, o presente texto analisa uma das formas de evidência dos processos de mundialização e globalização, pautando a análise na presença de multinacionais, e criticamente discute as contradições do desenvolvimento brasileiro no cenário da mundialização, articulando dimensões econômicas, energéticas e territoriais, com recorte espacial na cidade de Belo Horizonte, a fim de explicitar os efeitos regionais dessas transformações globais. No município, encontram-se produtos dos processos de globalização e mundialização, explicitando as contradições entre o acontecimento de avanços econômicos e a persistência de exclusões, as quais precisam ser alvo de políticas mitigadoras.

Palavras-chave:

Nacional-desenvolvimentismo; Urbanização; Planejamento Urbano; Setor terciário; Ciclos econômicos.

1. INTRODUÇÃO

A partir da década de 1980, a crise da superprodução capitalista impulsionou os processos de globalização e mundialização (Santos, 1988). Enquanto a globalização promove a padronização dos hábitos de consumo, a mundialização refere-se à internacionalização do capital, ambas impulsionadas pelo modelo neoliberal. Tais dinâmicas reconfiguraram os processos de industrialização e urbanização no Brasil, intensificados desde os anos 1930 com o nacional-desenvolvimentismo e refletidos no salto da população urbana de 26% para 69% entre 1940 e 1980.

Essas transformações se conectam aos ciclos econômicos do país — como os do açúcar, ouro e café — que moldaram a organização territorial e estruturaram redes logísticas, como a malha

¹Completando segundo grau, Criativa Idade Sistema Educacional. E-mail: jvbergmaster@gmail.com

²Completando segundo grau, Criativa Idade Sistema Educacional. E-mail: predroengrer207@gmail.com

³Doutor em Engenharia Urbana, Universidade Federal de São Carlos. E-mail: inguaggiato4@gmail.com

ferroviária cafeeira. Também se articulam ao uso intensivo de recursos naturais, fundamentais à matriz energética brasileira, historicamente centrada na hidroeletricidade e atualmente em transição com o crescimento das fontes renováveis, além do gás natural e da energia nuclear (Brasil, 2023).

Nesse cenário, os três setores econômicos revelam forte interdependência: o setor primário fornece insumos e inovações, o secundário articula cadeias produtivas e o terciário, responsável por cerca de 70% do PIB, expande-se com a urbanização e os serviços especializados (Marconi et al., 2016). O progresso técnico permeia essas atividades e se expressa de forma desigual nas diferentes regiões do país.

Diante disso, o presente trabalho propõe discutir criticamente as contradições do desenvolvimento brasileiro no contexto da mundialização, articulando as dimensões econômica, energética e territorial, com recorte empírico na cidade de Belo Horizonte, a fim de evidenciar os efeitos regionais das transformações globais.

2. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Localizada na transição entre os biomas Cerrado e Mata Atlântica, Belo Horizonte apresenta significativa diversidade ecológica, que influencia suas dinâmicas territoriais e práticas urbanas. Enquanto o Cerrado possui vegetação adaptada ao clima tropical seco, a Mata Atlântica abriga uma flora densa com relevante papel na regulação hídrica e conservação do solo. Essa complexidade ambiental reforça a importância de políticas urbanas sensíveis à conservação dos recursos naturais (Francivan et al., 2022). Fundada em 1897 para substituir Ouro Preto como capital mineira, a cidade foi planejada com traçado moderno inspirado em Paris e Washington D.C., rompendo com o modelo colonial. A ocupação do território, antes caracterizado pelo arraial de Curral del Rey, enfrentou desafios como remoções e relevo acidentado, mas consolidou-se como polo industrial e de serviços ao longo do século XX (Walbe, 2023).

Com cerca de 2,3 milhões de habitantes, Belo Horizonte possui alta densidade demográfica e um PIB per capita superior a R\$ 41 mil. Apesar dos avanços em indicadores como escolarização (97,6% entre 6 e 14 anos), IDHM (0,810) e cobertura de esgotamento sanitário (96,2%), persistem desigualdades, especialmente nas áreas de risco, que abrigam mais de 389 mil pessoas. A urbanização da cidade, que ocupa 274 dos seus 331 km² de território, tem passado por processos de transformação voltados à sustentabilidade e à inclusão, ainda que os desafios urbanos e socioeconômicos demandem políticas integradas e territorialmente sensíveis (IBGE, 2022).

3. MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia foi estruturada em três etapas: uma revisão bibliográfica em periódicos científicos com foco em temas como globalização, urbanização, setor terciário, recursos naturais e transformações territoriais; a análise aprofundada do setor terciário e seus indicadores socioeconômicos, com ênfase nas relações entre reestruturação produtiva, informalidade e impactos sociais nas periferias urbanas; e, por fim, a caracterização da área de estudo com base em plataformas oficiais, relacionando os conceitos discutidos às dinâmicas locais, permitindo compreender a influência dos processos globais na organização do espaço analisado.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A dinâmica urbana de Belo Horizonte reflete a influência de processos globais de globalização e mundialização, perceptível na presença de multinacionais e grandes redes comerciais. Essa inserção global se articula à trajetória de industrialização da cidade, impulsionada por investimentos em infraestrutura e transporte desde o século XX, com destaque para o desenvolvimento rodoviário a partir da década de 1940, que fortaleceu sua integração ao mercado nacional e acelerou a urbanização (Magalhães et al., 2017).

O crescimento econômico e urbano, embora positivo, evidenciou limites no planejamento territorial, resultando em desigualdades socioespaciais e falhas de infraestrutura, especialmente no transporte público, marcado por cobertura precária e altos custos. Enquanto áreas centrais concentram o uso de automóveis, as periferias enfrentam dificuldades de mobilidade e acesso a serviços. A diversificação comercial, com a coexistência de grandes empresas e pequenos empreendedores, reflete a transição entre o mercado informal e o formal (Dória, 2018).

A economia local, baseada no uso intensivo de recursos naturais, expandiu-se da mineração para setores tecnológicos e terciários, com destaque para os serviços financeiros e administrativos. Embora essa diversificação tenha elevado a oferta de serviços e melhorado a qualidade de vida urbana, persistem desigualdades no acesso aos benefícios desse crescimento, sobretudo entre classes sociais e regiões da cidade (Eduardo & Carvalho, 2014).

5. CONCLUSÃO

Belo Horizonte ilustra como os processos de globalização e mundialização moldaram sua estrutura urbana e econômica, a partir de uma trajetória de industrialização impulsionada por investimentos em infraestrutura e migração. Esse crescimento acelerado levou à diversificação econômica, com destaque para o fortalecimento do setor terciário. No entanto, revelou também desigualdades socioespaciais, falhas no planejamento urbano e desafios na mobilidade e inclusão

social. O desenvolvimento da cidade evidencia as contradições entre modernização econômica e persistência da exclusão, ressaltando a necessidade de políticas públicas mais equitativas e sustentáveis.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério de Minas e Energia. **Matriz Energética Nacional: Relatório de 2023**. Brasília: MME, 2023.

DÓRIA, Eugênia. **As desigualdades de mobilidade nas periferias da Região Metropolitana de Belo Horizonte: um estudo das atividades de comércio, lazer e saúde**. Observatório das Metrópoles. 2018. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetropoles.net.br/as-desigualdades-de-mobilidade-nas-periferias-da-rm-de-belo-horizonte/>. Acesso em: 24 nov. 2024.

EDUARDO, Carlos; CARVALHO, Afrânio. Avaliação de atividades no terceiro setor de Belo Horizonte: da racionalidade subjacente às influências institucionais. *Revista do Serviço Público*, Brasília, v. 65, n. 4, p. 509-528, out./dez. 2014.

FRANCIVAN, Antonia; VERONICA, Patricia; SOARES, Esdras; MARTA, Benedita; PRACIANO, Tarcisio. Avaliação da perda da biodiversidade na Mata Atlântica. *Ciência Florestal*, Santa Maria, v. 32, n. 3, p. 1381-1393, jul./set. 2022.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -IBGE. IBGE Cidades: Belo Horizonte. 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/belo-horizonte.html>. Acesso em: 24 nov. 2024.

MAGALHÃES, Marcelo; SILVA, Lidiany; ANTÔNIO, Thiago; FERREIRA, Diego; CRISTINA, Danielle. Região, população e transportes em Minas Gerais na Era Vargas: as contradições da 'era ferroviária' e as correlações entre infraestrutura viária, território heterogêneo e distribuição e mobilidade populacionais. *Topoi (Rio de Janeiro)*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 274-302, maio/ago. 2017.

MARCONI, Nelson; L., Igor; R., Guilherme. Sectoral capabilities and productive structure: an input-output analysis of the key sectors of the Brazilian economy. *Brazilian Review of Political Economy*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 119-138, jan./mar. 2016.

SANTOS, Milton. Espaço e sociedade no Brasil: a urbanização recente. *Geosul*, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 10-18, 1988.

WALVE, Sheila. BH: do arraial à égide da modernidade utópica (in)completa. *GeoTextos*, Salvador, v. 19, n. 1, p. 143-157, jan./jun. 2023.